

Trajetórias de trabalhadoras universitárias

- *Tramas em cotidianos e pesquisas* -

Lilian da Silva Ney

Universidade Federal do Rio Grande - FURG / Universidad Nacional de Rosario - UNR

liliansney@gmail.com

Débora Medeiros do Amaral

Universidade Federal do Rio Grande - FURG / Universidad Nacional de Rosario - UNR

deboraicmrg@gmail.com

Aline Machado Dorneles

Universidade Federal do Rio Grande - FURG / Universidad de Buenos Aires - UBA

lidorneles26@gmail.com

Resumo: Muitas são as temáticas que atravessam a Educação, assim como as/os protagonistas que assumem a autoria de sua prática. Neste artigo temos em comum a aposta nos cotidianos como espaçotempo de produção de conhecimentos e saberes. Neste sentido, contamos sobre nossas trajetórias como educadoras-pesquisadoras na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a perspectiva dos estudos com os cotidianos apresentado por Nilda Alves, Regina Leite Garcia, Carlos Ferraço, e outros, que nos educam sobre as produções de conhecimento de contextos educativos; das narrativas (auto)biográficas, trazendo como aportes, Clandinin e Connelly, Porta, Suárez; assumindo os princípios da conversa como dispositivo metodológico para narrar nossas histórias, tecendo tramas que deixam pistas sobre a educação, sobre formas outras de educar e viver a universidade e a escola, bem como as possibilidades de pesquisas outras, que nos permitem uma investigação-vida. Assim, contamos um pouco da nossa história pessoal e de como chegamos até nossas pesquisas, o que nos motivou investir numa investigação que se pauta na narrativa pessoal como possibilidade de reconhecer, conversar, conhecer outras existências, outras experiências.

Palavras chave: Cotidianos. Narrativas. Educação.

Vamos iniciar a conversa?

Muitas são as temáticas que atravessam a Educação, assim como as/os protagonistas que assumem a autoria de sua prática.

Trabalhamos em Unidades de Ensino e Administrativas, no Campus Carreiros, situada no município do Rio Grande: Pró-Reitoria de Graduação, na Diretoria Pedagógica; Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, na Diretoria de Arte e Cultura; Centro de Educação Ambiental, Ciências e Matemática da Universidade Federal do Rio Grande, somos integrantes do Grupo de Pesquisa Tramas Narrativas na Educação, um tempoespaço que nos

permite o encontro e a produção de conhecimentos que é tecido por meio de nossos cotidianos e do que ousamos pesquisar. Aqui narramos nossas experiências profissionais e investigativas e a partir dos estudos do cotidiano e da investigação narrativa buscamos compreender nossos lugares, temporalidades e compromisso social. Entendemos o sentido de experiência como aquilo que nos passa, que nos atravessa, que nos desacomoda, que nos transforma (LARROSA, 2019).

Em nossos diferentes lugares de atuação profissional e de formação, buscamos outras possibilidades teórico-metodológicas, não submissas àquelas herdadas da modernidade, que descartam as subjetividades, o envolvimento, os afetos, as experiências singulares e coletivas que compreendem os saberes-fazer como processos complexos que se retroalimentam e, com isso, abrimos brechas no tempo para a reflexão e o debate sobre os cotidianos e as narrativas que nos constituem.

Acreditamos na conversa como o lugar no qual pesquisadoras e pesquisadores se assumem como narradoras/es de suas experiências. E por isso, nosso compromisso neste movimento de escrita é tecer uma conversa sobre nosso lugar enquanto trabalhadoras universitárias, tecendo narrativas que contam sobre nossos cotidianos e pesquisas. Narrar se mostra um terreno fértil para nos contarmos, dizer de nossas vivências, nos cotidianos que nos habitam e os quais habitamos. Com isso, assumimos a metodologia da conversa como caminho para documentar nossas experiências de trabalho no contexto universitário. É um compromisso ético e político, compreendendo “o fazer investigativo como uma (inter)ação compartilhada, compreendendo os sujeitos da educação como produtores de saberes pedagógicos e modos de se relacionar e habitar o educativo” (RIBEIRO et al, 2018, p. 175).

Partilhamos nossas experiências coletivamente no Grupo de Pesquisa Tramas Narrativas, na FURG, sendo um lugar de registros narrativos, de afetos, de trocas, de ensinamentos e aprendizagens, um espaço relacional entre estudantes da graduação, da pós-graduação, professoras e professores da educação básica, técnicas/os administrativas/os em educação, com estudos e investigações narrativas em diferentes contextos educativos.

Nossas conversas-narrativas contam mais do que nossas histórias de vida, laborais, de pesquisadoras narrativas. Contam as nossas experiências, contam de lugares, pessoas, paisagem, contam a vida que é vivida em um contexto educacional, e contam como essas vidas que são vividas em diferentes contextos podem constituir processos investigativos que

produzem conhecimentos por meio de singularidades coletivas, marcadas por nossas singularidades.

Lilian e as narrativas errantes - outras formas de se contar

nem tudo o que escrevo
é sobre mim
mas tudo o que escrevo
habita em mim
Lilian Ney

Que palavras usamos para escrever? Eu verso palavras poéticas para falar de mim e de minhas experiências, buscando fragmentos de memória para me contar, recriar a experiência vivida, renascer pela palavra, como forma de dar sentido e forma narrativa à vida. Desse modo, inspirada pela epígrafe de minha autoria, compartilho essa memória-narrativa:

Quando eu era criança queria ser professora. Colocava bonecas alinhadas em frente a uma parede e as ensinava o que eu sabia, o que eu aprendia na sala de aula. Também, preparava comidinha para elas. As folhas e as flores do jardim da minha mãe viravam sanduíches, bolo e outras guloseimas que a minha imaginação inventava e a hora do recreio virava uma grande festa. Quando cheguei na adolescência já não queria mais ser professora. Era a época das secretárias. Filmes com mulheres empoderadas, donas de si, buscando seu lugar no mercado de trabalho me enchiam os olhos daquela força motivadora de que fala bell hooks, o erótico tomava conta do meu corpo, da minha mente, eu desejava toda aquela vida que eu via pela tela da TV. Cursei Secretariado no Ensino Médio, na Escola Estadual Getúlio Vargas, na qual anos mais tarde, também trabalhei por seis anos como educadora não docente. O glamour dos filmes era muito diferente dos ensinamentos da sala de aula. Disciplinas herdadas de uma ditadura que durou pouco mais de vinte anos, tinham por objetivo moldar jovens à lógica da colonialidade. Talvez, resida aí, minha vontade de resistir pela palavra poética. Trabalhei algum tempo como secretária em algumas empresas em Rio Grande, mas os acontecimentos da vida me levaram para outros caminhos. Em 1988, três anos após o fim da ditadura e o retorno das eleições diretas, no ano seguinte, garantida pela promulgação da Constituição Federal do Brasil, eu prestava vestibular para Pedagogia. Aos 25 anos, casada, com um filho pequeno enfrentava as adversidades de estudar a noite dividindo espaço com a maternidade e os cuidados com o lar. Dois anos após, preciso abandonar os estudos e partir para a capital em

busca de melhores oportunidades laborais, acompanhando meu esposo. Os anos passam rápido e nos anos 2000, retorno à academia e me torno Pedagoga. No ano seguinte à formatura, presto concurso público e em 2003 começo a trabalhar numa escola pública como Agente Educacional - Interação com o Educando ou como era e ainda é chamado, Monitora. Foram as primeiras experiências como trabalhadora em educação não docente. E, em 2013, passo a integrar o quadro de servidoras/es da FURG, após concurso para Pedagoga. Em 2019, uma conversa carregada de afeto, de amorosidade, abrindo uma brecha no tempo, trouxe o convite para cursar o Doctorado en Investigación Narrativa y (Auto)biográfica, da Universidad Nacional de Rosario - AR. E, aqui estou envolvida pelas minhas memórias, uma mulher forjada pela vida, constituída das experiências que me trouxeram para o campo narrativo, superando os limites da idade para seguir sonhando e buscando minha própria utopia.

Narro a experiência vivida/sentida nesses espaços profissionais e investigativos, como forma de compreender nossos lugares, temporalidades, compromisso social e educativo. O convite para o Doutorado é legitimado nesse espaço-tempo de construção de conhecimentos. Assim, esse relato, apesar de estar sendo escrito individualmente, é um texto grávido (GALEANO, 2002) de outras pessoas e de suas narrativas. É fruto de muitos encontros e conversas e resistências.

Encontros que acontecem nos grupos de pesquisa, nas conversas no sindicato, nas reuniões de trabalho e também, nas experiências sociais, nos saraus que organizo com outras mulheres, nos coletivos de escrita dos quais participo, e tantas outras oportunidades de estar com, de estar junto, de compartilhar esses momentos.

Caminho e me constituo nesse cotidiano diverso, múltiplo, inseparável, uma trama complexa de experiências, práticas, teorias, encontros potencialmente dialógicos nos quais vou tecendo a vida, a pesquisa, a experiência e as narrativas que contam desse universo que me oferece suas águas para matar a sede de saberes e conhecimentos.

O grupo Tramas Narrativas em Educação é um desses espaços, no qual tive a oportunidade de pensar modos outros de fazer pesquisa. Neste espaço-tempo relacional de partilhas de experiências, de afetos, de trocas, de ensinamentos e aprendizagens, entre estudantes da graduação, da pós-graduação, professoras e professores da educação básica,

técnicas/os administrativas/os em educação, conversamos, estudamos e investigamos diversas narrativas em diferentes contextos educativos.

É um exercício de escuta que possibilita aprendermos com as experiências pedagógicas e investigativas, com as histórias de vida compartilhadas pelas e pelos integrantes do Grupo. De uma forma poética, espichamos o olhar, (re)criamos sentidos para os acontecimentos vividos no cotidiano, narramos e nos narramos a partir das nossas experiências, “assim como é expressa em histórias vividas e contadas” (CLANDININ E CONNELLY 2015, p.73).

Escrever sobre minhas experiências é uma forma de não sufocar diante do assombro que é a vida. Narrar é uma forma de resistir, reexistir, de não esquecer, de esperar, de se reinventar. Teço palavras, ressignifico passados, memoro minha mil avó, comemoro, agradeço, amo, VIVO!

É sobre esses transbordamentos que quero conversar, sem deixar de fora das conversas as utopias que me constituem: o amor, a família, as amizades, a imaginação, o abraço, o esperar, os afetos, o tempo. Desse modo, vou adentrando nesse labirinto investigativo que acontece no cotidiano universitário como um convite a pensar educação e seus saberes-fazeres em seus movimentos reflexivos, complexos, formativos, éticos, estéticos, políticos e poéticos, sem descuidar das nuances afetivas, criativas, imaginativas.

Adentrar nesse labirinto é mais do que uma tomada de posição, é apostar na investigação, na narrativa, nas conversas como dispositivos para me contar e nesse processo me compreender participante da pesquisa e não só pesquisadora. “Narrar a vida e literaturizar a ciência”, sussurra Nilda Alves (2003, p. 30), histórias que urgem serem narradas, tornando esses registros de memória os fios de Ariadne que nos conduzem pelo labirinto investigativo.

Movimentos que polinizam saberes e conhecimentos, recriam outros saberes e significações, o aprenderensinar com o outro, produzindo outros modos de pensarviver a vida, os processos pedagógicos, os movimentos educativos, as ações formativas. Enfim, Impregnar-me/nos de Eros e sua força motivadora enquanto escrevo/emos, ou melhor, reescrevo/emos minha/nossa vida de educadorapesquisadora, nesse processo narrativo de reinventar memórias.

Débora, a menina que mirava o mundo por debaixo da franja

Nesses movimentos de vida, que envolve o pessoal e o profissional, venho exercendo a escrita como um lugar de conversa com a vida, o mundo, a docência e as infâncias. E assim, escolhi iniciar esta conversa, numa conversa-vida com a menina que fui e que ainda me habita em suas infâncias ...

À ti, menina da franja grande!

O tempo tem sido como uma máquina de escrever, tem impresso em nós marcas do tempo, da vida, da experiência. Apesar da pressa que ele tenta nos imprimir, você, menina que olha o mundo por baixo da franja grande, consegue de uma forma mágica me afetar com teu olhar, peraltice e forma encantadora de ver a vida, e claro, sempre me trazendo tantas perguntas sobre o mundo, a vida, as pessoas e os sonhos. Sei o quanto me habitas neste tempo presente! Crescer é uma benção, mas também um susto! A vida é sim bonita, mas ampliar o olhar sobre a existência humana, o mundo, as pessoas é também conhecer o tanto de injustiça social, de ganância, de valores cruéis que nos constituem, nos afetam e nos habitam. Mas a vida, em sua lindeza e sabedoria, criou caminhos de nos deixar próximas, me oportunizou escolher a docência como profissão. Ser professora da educação infantil foi, sim, um presente da vida! Os dias com as crianças, nas classes de educação infantil, foram os dias em que mais te busquei em mim, em que mais necessitei de ti, te ouvir, te sentir presente, lembrar de você e da forma como vivia e sentia o mundo. Confesso, que nesses reencontros, o riso foi mais fácil, mais leve e mais presente. Aprendi que te trazer comigo é uma forma de continuar vivendo infâncias, mesmo nesse mundo adulto. E viver infâncias tem sido uma possibilidade de sentir a vida com mais leveza, mais crença, mais esperança. Viver infâncias tem sido um permitir-se, um mover-se, uma grande e séria brincadeira de conviver com o tempo, de brincar com suas impressões e marcas. Sabemos, sempre soubemos que a vida também é feita de dor, injustiças e muitos problemas sociais, humanos, ambientais, políticos, ..., porque aprendemos a olhar o mundo por debaixo das muitas franjas que nos foram impostas. Tenho uma colega de trabalho que sempre me diz: a vida é dura, e com tua forma de olhar (que ainda guardo comigo) posso responder: mas é bela! Apesar das dores e impotências desse mundo adulto, quero ter sempre essa capacidade de indagar a vida, de ser uma mente cheia de perguntas, de ter essa curiosidade que me faz lembrar que não estamos acabados, que sempre há uma possibilidade de mudança, de encontro, de existência! Se a brincadeira não está boa, ou não deu certo, podemos recomeçar. E seguimos brincando, e assim, vamos aprendendo cada vez mais sobre

ser! Ser pessoa, ser gente, ser humano, em relação constante e permanente com a vida, o mundo e as pessoas. E aí, quer brincar/viver comigo?

Termino esta breve conversa com a menina que fui com uma pergunta, talvez porque as perguntas sejam a maior presença dela que habita em mim. Na narrativa acima já contei que fui professora de Educação Infantil, e que estar com as crianças foi uma etapa muito feliz da minha caminhada, uma etapa de aprender. Atuei por 17 anos no Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente – CAIC/FURG, em diferentes funções. O Centro é uma unidade da Universidade Federal do Rio Grande, a qual desenvolve políticas de extensão junto à Escola de Educação Básica e a Unidade de Saúde, ambas localizadas na estrutura física do Centro e gestadas por meio de convênio entre a Universidade e a Prefeitura Municipal do Rio Grande. Foi na Escola Municipal Cidade do Rio Grande – CAIC/FURG que iniciei minha experiência profissional, atuei como bolsista em um projeto de pesquisa e extensão da universidade. Foi nessa escola que tive minha primeira experiência como professora concursada da rede municipal atuando com turmas da educação infantil. E foi ali que iniciei minha trajetória profissional como Pedagoga concursada da universidade, atuando na gestão escolar, inicialmente como coordenadora pedagógica e, por fim, como diretora da Escola e do Centro de extensão.

Partilho do entendimento que a escola, as tantas escolas existentes, são espaços-tempos de pensamento e de criação de conhecimentos múltiplos e complexos, que no seu cotidiano vão ressignificando o aprender e as práticas educativas, em especial em contextos de vulnerabilidade social e exclusão social. Nesse sentido, aprendi com a escola que minhas pesquisas precisam ser marcadas por um compromisso social e político que me movam a contar, por meio da narrativa autobiográfica, caminhos trilhados e experiências vividas, de forma singular e coletiva, na construção de uma educação que acolhe, respeita, provoca sonhos, produz esperança, mesmo frente a situações econômicas e sociais tão precárias. Investigações-vida, que reconhecem a potência e a organização das comunidades periféricas, para visibilizar vozes e práticas de educadoras populares, de gestoras escolares, bem como dos processos formativos que são tecidos entre profissionais e comunidades.

O CAIC foi, em minha trajetória formativa e profissional, o lugar de encontros possíveis entre a escola de educação básica e a universidade. Falar em encontros possíveis, não significa falar em encontros que deram certo, que foram harmoniosos e pacíficos. Mas,

continuo afirmando, que foram encontros possíveis, marcados pela diferença, e por toda inquietação que a diferença nos provoca. O CAIC é também o lugar do encontro e da inquietação. Sua identidade híbrida é marcada por uma gestão compartilhada entre a universidade e a gestão municipal de educação.

E nessas andanças profissionais, foi compreendendo que é no encontro da escola com a universidade que iremos construir outras formas de compreensão e reconhecimento dos saberes produzidos. Compreensões que só podem “acontecer no diálogo, no encontro, na conversa, na colaboração, na parceria, no conflito, no confronto, no vai e vem, na alternância constante entre escola e universidade, desde os processos formativos às formas de fazer pesquisa.” (MASTRELLA-DE-ANDRADE, 2020, p.13)

A escola foi e continua sendo, um lugar de encontro e reconhecimento das diferenças. Encontros que me constituem enquanto pessoa e profissional. Apesar de atualmente não estar trabalhando na escola, pois fui convidada pela Universidade para trabalhar na Diretoria de Arte e Cultura/PROEXC, os momentos vividos naquele lugar ainda me afetam, me tocam e desafiam-me a contar sobre essas vivências que guardo na memória. Narrar sobre a riqueza da diversidade e dos saberes do cotidiano escolar, renova a esperança de que uma outra educação é possível, de que a escola pode ser um lugar de afeto, acolhimento e conhecimento, pois ela pode ultrapassar a lógica da “preparação para” e se constituir em um lugar do presente, onde as pessoas sejam o principal compromisso institucional. Voltar o olhar e a escuta ao passado é um exercício e um encontro com as memórias afetivas, visuais e escritas.

Atualmente, minhas trajetórias enquanto investigadora narrativa, estão sendo vividas em movimentos de memórias, num transitar entre passado, presente e futuro. Atentar para alguns movimentos vividos no passado, em especial na relação universidade e escola, me provoca a partilhar alguns saberes da experiência, constituídos em uma escola que é, em sua identidade, diferenciada devido a sua relação direta com a universidade. Atentar a este passado é também compor uma reconstrução da memória escolar a partir do ponto de vista e do lugar de fala de quem o vive, na tentativa de borrar (ou quiçá, por em dúvida) os discursos que têm colocado a escola e seus praticantes no lugar da falta, discursos que negam a potência da escola. Neste sentido, sigo me movendo enquanto pesquisadora guiada por perguntas, mas uma em especial acompanha meus processos investigativos: *o que podemos aprender com as vozes e experiências desde a escola e não sobre ela?*

Aline e suas tramas nos cotidianos narrativos

Narro de mim no encontro com as experiências tecidas no coletivo, nas redes de formação docente, na investigação narrativa (auto)biográfica. A carta, a seguir, apresentada está ampliada em suas compreensões e interpretações em um texto sobre nossos estudos sobre cartas-narrativas (DO AMARAL; DORNELES, 2022). Assim, convido a leitura e partilho uma carta-narrativa inspirada nas palavras de Clarice Lispector (2004) como modo de dar início a escrita desta carta.

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva. [...] Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a “coisa” vem. Fico assim à mercê do tempo (p.179).

Escrever para mim é também uma maldição que salva, ainda bem! É sobre o processo de escrever na minha constituição docente que essa carta-narrativa é tecida, uma escrita que salva minha timidez de falar, ainda nos tempos da graduação, salva a vontade de expressar os sentimentos em uma folha de papel, e salva, principalmente, meu desejo de encontro com minha própria história como professora, escritora e pesquisadora. E assim, que escrevo. Deixo que a “coisa” chegue, por vezes, rascunho em folhas de cadernos, e depois tenho prazer de reencontrá-los. Já percebi que a “coisa” chega quando permito abrir-me para uma experiência estética, vou detalhar, no decorrer dessa carta, essa minha ideia. Agora, quero me apresentar.

Nos meus últimos 16 anos de formação acadêmica e profissional, talvez um pouco mais, me dedico aos processos de escrita narrativa. Comecei com a escrita em diários, sendo o modo que encontrei de falar, pois a timidez me silenciava nas aulas da graduação em Química Licenciatura. Entre meus escritos tomei a decisão de que queria ser professora, não me identificava com as pesquisas em laboratório, muito menos em ser uma pesquisadora na área de química, mas tinha a certeza de que queria ser professora de química. Na docência consigo

viver a experiência da impermanência e do imprevisível, no encontro com o outro, na conversa e na partilha de saberes.

Hoje, nos meus quase 10 anos como professora, aprendi que falar é preciso, e que por vezes, também é uma maldição. Uma pena que hoje meus escritos ficam a mercê do tempo, ou melhor da falta de tempo para que uma frase possa nascer. Por isso, desejo estudar e escrever sobre os processos de escrita na minha atuação profissional, com as ressonâncias que o escrever favorece ao ser professora e pesquisadora na formação de professores.

Tenho um desejo de estudar a respeito da escrita de cartas como um modo de narrar de si e do outro. E, nesse processo reencontrar-me, talvez, com textos já lidos, e na impermanência da vida perceber que não sou mais a mesma, e caso ainda tenha alguma certeza, que essa possa ser ressignificada a cada leitura e escrita, assim desejo! Quero viver a abertura para pensar e aprender sobre a escrita de uma carta e, de modo singelo e inicial, arriscar-me a escrever minhas primeiras cartas pedagógicas.

O que escrevi até aqui, seria uma carta-narrativa? Quais as dimensões formativas de uma carta? Como mobilizar a escrita de cartas na formação docente? As perguntas convidam-me para o estudo, e me mobilizam a fomentar a escrita de cartas de professores e professoras como um ato pedagógico, um ato político, um ato estético, pois escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível...

Fiz uma pausa e após alguns dias retorno para escrita, reencontro minhas próprias palavras tramadas nas reflexões sobre o ato de escrever e suas ressonâncias que ainda desejo compor na escrita dessa carta-narrativa que documenta o viver e sentir da escrita de uma carta. Nesses dias do mês de novembro busquei estudar, ler e dialogar a respeito da experiência estética a partir do reencontro com algumas narrativas escritas e vividas no contexto da pandemia. Deixo aqui um fragmento narrativo escrito de maio do ano de 2020:

São seis horas da manhã de 12 de maio do ano de 2021, pela janela um amanhecer com um céu nublado, frio e úmido. Em dias nublados, lembro-me de uma amiga brasileira, que conheci na Argentina, do qual fala que “dias cinzentos são um convite para encontrar a beleza que ali existia, as cores podem estar sem brilho do sol, mas elas existem é só você olhar! Desse modo, ela me animava a sair nos dias frios e nublados do inverno argentino. Hoje amanheci sem o registro do sol nascer, meditei, agradei e tomei uma xícara de café! Agora pensando, a beleza estava ali! Tal reflexão leva-me ao encontro com a experiência ontológica

que, enquanto experiência, dá-se antes de toda atividade reflexionante. O verdadeiro motor da reflexão é a experiência do desconhecido e do estranho. “Trata-se aqui, sempre, de algo ou de alguém que se encontra à nossa frente e, como tal, dirige-se a nós e inquieta-nos, devido única e exclusivamente ao fato de ser outro que nós mesmos” (p.28) Nas primeiras linhas do texto aponta inquietudes que leva a pensar a filosofia gadameriana, a ideia de reflexão humana como uma reação ao que nos acontece no mundo. Remeto a experiência narrada dos dias cinzentos que me inquieta, e busco nesses dias encontrar a beleza, desconhecida ou estranha aos meus olhos!

Escrevo e reescrevo para alimentar meu desejo de contemplar a beleza e o esperar de dias melhores e menos desiguais. Hoje encontro-me renovada com a chegada do mês de novembro, mesmo que acelerado por vezes, como a intensidade dos dias de verão que se aproxima e nos aguça a querer viver mais, a caminhar, sentir calor do sol e a contemplar a beleza das flores, cores e cheiros. Cá estou/estamos há quase dois anos atravessados pelo contexto pandêmico em nossas vidas pessoais e profissionais.

Quais as palavras nos representam como professores e professoras nesses últimos tempos? Talvez reinventar, repensar, recriar, reexistir, reviver, reencontro, dentre outros... Aqui remeto a pensar e conversar sobre as palavras que começam com “re”, sendo palavras que carregam a ideia de “mais uma vez”. Jorge Larrosa em suas reflexões nos diz que mais uma vez estamos aqui repensando os contextos educativos, visto que há um conjunto de gestos que pertencem ao ofício de ser professor, como o interesse, o compromisso e a atenção, como elementos principais dessa árdua tarefa de um viver um ensino remoto, online, híbrido e/ou presencial.

E, remete também que mais uma vez é preciso reviver o ofício de ser professor ao resgatar uma ideia de beleza que precisa ser compartilhada, sendo a beleza como algo que exige um distanciamento, sendo a beleza aquilo que você não pode se apropriar, mas sim contemplar e admirar, pois a beleza demanda também parar.

Uma carta-narrativa pode vir a ser um modo de contemplar, de parar e admirar a beleza de viver a escola e a nossa profissão docente. Escrever exige para, ir mais devagar, afinal, o falar pode ser acelerado, mas para o escrever é preciso ter tempo, alinhar as palavras e as ideias, talvez seja um modo de lidar com esse “aligeiramento” do tempo, e permitir que a beleza possa ser percebida, que as formas de beleza possam ser traduzidas na escrita de uma carta.

Conclusão

Discutimos, refletimos escrevemos, não necessariamente nesta ordem, sobre nossas histórias de vida, sobre as experiências vividas nas salas de aula, nos encontros formativos, nas atividades educativas, (com)partilhando nossas experiências pedagógicas e investigativas, como quem abre brechas no tempo (SKLIAR, 2018), espicha o olhar, (re)criando sentidos para os acontecimentos vividos no cotidiano, pois compreendemos que investigadores narrativos, de acordo com Clandinin e Connelly (2015), “tendem a começar com a experiência assim como é expressa em histórias vividas e contadas” (p. 73).

Defendemos com bell hooks (2017), a ideia de que a educação é capacitante, ou seja, aumenta nossa capacidade de sermos livres, e assim nos tornamos pensadoras/es críticas/os. Sermos pensadoras críticas, pesquisadoras críticas, educadoras críticas, implica sairmos do lugar comum, da nossa rede de conforto, da mesmidade; é preciso desacomodar o pensamento, mergulhar nos cotidianos em busca do que não está à vista, das coisas minúsculas, para que possamos nos narrarmos, “narrar a vida e literaturizar a ciência”, nos convida Nilda Alves (2003), um dos movimentos que a autora assume como compromisso para compreender a pesquisa nos/dos/com os cotidianos, que, por sua vez, buscam compreender as trajetórias dos praticantes dos cotidianos.

As conversas resultantes desses encontros proporcionaram outros modos de fazer, pensar e viver educação, possibilidades de tecer a vida, a formação e a educação, aprendendo com o passado, construindo no presente e planejando o futuro, em constante movimento. Movimentos que nos constituem e educam, pois

(...) estas experiencias colectivas de movilización intelectual y político-pedagógica, que suponen procesos de formación y desarrollo profesional docente centrados en la investigación pedagógica de la experiencia escolar, se vienen pensando y estudiando como modalidades nuevas o alternativas de organización social y técnica de y entre educadores para la producción, publicación, circulación y validación de saberes pedagógicos desde la recuperación, reconstrucción y documentación de la experiencia escolar. (SUÁREZ, 2016:33-34)

Neste sentido, nos propomos a dialogar com perspectivas teóricas e epistemológicas que permitam vivenciar outras formas de ser e fazer ciência, que nos permitam pensar a construção do conhecimento atrelado à vida, ao humano e ao cotidiano, assumindo nossas

incompletudes, nosso inacabamento (FREIRE,1986), na constituição de educadoras-pesquisadoras que se colocam como mulheres da experiência, e assim, expostas, receptivas, disponíveis, abertas, mulheres investigadoras que, inspiradas pelas provocações das conversas e escutas, buscam viver a experiência como um gesto que compõe a investigação narrativa.

Referências Bibliográficas:

ALVES, Nilda. (2008). Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (org.). Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A.

Alves, Nilda. (2007). Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Revista Teias, 4(7), 8 pgs.. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23967/16939>

CERTEAU, M. de. (1994). **A invenção do cotidiano: 1.** Artes de fazer. Petrópolis: Vozes.

Clandinin, D.; Connelly, F. (2015). Pesquisa narrativa: experiências e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU.

DO AMARAL, Débora; DORNELES, Aline. Cartas narrativas sobre cotidianos escolares: movimentos de palavras faladas e palavras escritas. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, v. 7, n. 22, p. 869–884, 2022.

Hooks, Bell. (2017). Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.

Larrosa, J. (2019). *Pedagogia profana - Danças, piruetas e mascaradas* (6ª ed. ed.). Editora Autêntica.

Lispector, C. (2004) Aprendendo a viver. Rio de Janeiro: Editora Rocco.

Mastrella-de-Andrade, M. R. (2020). *(De)Colonialidades na relação Escola-Universidade para a formação de professoras(es)de Línguas* (1ª ed ed.). Editora Pontes. <https://orcid.org/0000-0002-0539-0293>

Morin, Edgar. (2005). Ciência com consciência. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. - Ed. revista e modificada pelo autor - 8 ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Ribeiro, Tiago; Souza, Rafael de; Sampaio, Carmen Sanches. (2018). É possível a conversa como metodologia de pesquisa? In: Ribeiro, Tiago; Souza, Rafael de; Sampaio, Carmen Sanches. *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu.

Suárez, D.H. (2016). Relatos de experiencia, redes pedagógicas y prácticas docentes: documentación narrativa de experiencias escolares en el nivel inicial. :https://www.jstor.org/stable/j.ctvtxw30v.10?seq=1#metadata_info_tab_contents